

## Apresentação do Dossiê n. 17: Patrimônio e Morte

**N**as sociedades ocidentais, o patrimônio e a morte estão relacionados, principalmente, por meio da cultura material e da noção de monumento. A vivência humana no espaço físico em cada tempo produz registros e vestígios caracterizados por uma série de elementos: a escrita, a arte, as edificações, a fotografia, a paisagem, entre outros. Os cemitérios, enquanto locais de sepulturas e memória dos mortos, podem ser analisados pela perspectiva patrimonial, como herança individual e coletiva das sociedades. A Arqueologia e a Arquivologia, por exemplo, trazem uma importante contribuição às questões voltadas ao patrimônio cemiterial e funerário quando, ao estudar os arquivos do solo

\* Doutora em História (concentração em Arqueologia) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. É professora do curso de Museologia e do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Atualmente, é pós-doutoranda do Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Patrimônio da Universidade de Coimbra. CV: <http://lattes.cnpq.br/6498759283519657>

\*\* Doutora em Letras, na área de Análise do Discurso, pela Universidade Federal de Santa Maria. Professora do Departamento de Arquivologia do Centro de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS). Professora permanente do Mestrado em Patrimônio Cultural, onde oferece regularmente a disciplina “A memória, o documento e a morte” e atua como orientadora. CV: <http://lattes.cnpq.br/6947598132405137>

e as fontes arquivísticas, registram informações intrínsecas e extrínsecas dos bens culturais voltados à morte e ao morrer.

Para grande parte da população urbana brasileira, uma visita ao cemitério se dá de forma mais expedita, visto que a relação entre vivos e mortos foi se dissipando ao longo das gerações. Como aponta a historiadora da Arte, Maria Elizia Borges, “o túmulo perpétuo será visitado ao menos no dia de finados e embelezado com flores e velas; [...] entretanto, a relação entre o morto e seus descendentes sobreviventes vai-se esvaecendo aos poucos, alcançando, quando muito, a terceira geração ascendente” (Borges, 2002, p. 119-120).

Como reflexo do desinteresse, podem ocorrer o abandono e a perda informacional nos cemitérios, com o arruinamento e a destruição de túmulos que revelam aspectos históricos e socioculturais das sociedades. Daí a importância dos documentos protetivos legais, da gestão do patrimônio funerário e, sobretudo, do envolvimento das comunidades locais. Quando existem ações de cunho patrimonial, a preservação da materialidade garante a integridade do suporte informacional – no caso, os túmulos, que comportam signos verbais (Epigrafia tumular) e não verbais (elementos escultóricos e arquitetônicos) (Lima, 1994).

Sujeito a variadas adjetivações, como podemos conceituar o patrimônio cultural “cemiterial” e o “funerário”? O primeiro, visto como restrito espacialmente à necrópole e, o segundo, a uma perspectiva mais alargada, que ultrapassa os muros dos campos santos. O patrimônio funerário foi definido pela museóloga Patricia Elsa Ceci como tudo aquilo que está vinculado com a morte e seus rituais, objetos e ações. Segundo a autora, o “patrimônio funerário inclui a realidade unificada e complexa que integra os sítios, as unidades visíveis e invisíveis, as expressões da mentalidade e da ritualização face à morte, à perda e ao luto, bem como as origens que nos permitem elucidar todas as suas noções” (Ceci, 2016, n.p.) [tradução nossa].<sup>1</sup>

Nas últimas décadas, acompanhamos um leque mais amplo na constituição de uma definição sobre o patrimônio cemiterial e funerário, por meio da incorporação dos bens intangíveis como categorias de estudo e do adensamento de abordagens antropológicas na área. A antropóloga Sol Tarrés reforça a necessidade de percebermos esse patrimônio de forma mais holística, ao afirmar que o “patrimônio cultural funerário pode ser definido como aquele constituído de expressões culturais, manifestações e atividades (práticas, representações, expressões, crenças, conhecimentos e técnicas) que comunidades, grupos e, em alguns casos, indivíduos reconhecem como parte integrante de seu legado cultural e são direta ou indiretamente associado à morte” (Tarrés, 2018, p. 72) [tradução nossa].<sup>2</sup>

O reconhecimento como patrimônio cultural das referências culturais funerárias, tanto de forma individual como, principalmente, coletiva, reforça os laços de identificação e pertencimento, pois são percebidos como herança cultural da comunidade ou grupo social. Para além de proteções de âmbito legal do patrimônio cultural, as comunidades que partilham

<sup>1</sup> “El patrimonio funerario incluye la realidad unificada y compleja integrando los sitios, las instalaciones visibles e invisibles, las expresiones de mentalidad y de ritualización frente a la muerte, a la pérdida y al duelo, así como los orígenes que permiten esclarecer todas sus nociones” (Ceci, 2016, n.p.).

<sup>2</sup> “funerary cultural heritage can be defined as that made up of cultural expressions, manifestations and activities (practices, representations, expressions, beliefs, knowledge and techniques) that communities, groups and, in some cases, individuals recognize as an integral part of their cultural legacy and are directly or indirectly associated with death” (Tarrés, 2018, p. 72).

laços afetivos, culturais e identitários com herança cultural comum tendem a empreender esforços pela preservação dos seus bens culturais funerários.

Nesta perspectiva integral, a historiadora Elisiana Trilha Castro traz uma definição ampla de patrimônio funerário, quando pensamos na diversidade brasileira, ao afirmar que o “termo patrimônio funerário diz respeito ao conjunto de bens, materiais e imateriais, encontrados em locais de sepultamentos, acervos diversos, cemitérios e demais espaços e práticas relacionadas com a morte. Entende-se que este patrimônio incorpora, além dos elementos mais diretamente relacionados aos cemitérios, também os lugares, atividades e ritos, dentre os quais podemos citar os costumes de preparação do corpo e de velórios, tipos de cortejos e ritos como as celebrações pela passagem de datas, como o Dia de Finados, missas de Sétimo Dia, cultos em lugares de morte dos conhecidos ‘santos populares’, acervos pessoais e de empresas do ramo funerário” (Castro, 2017, p. 14). A autora complementa seu pensamento com a ideia de que “esse segmento do patrimônio cultural instiga a preservar o que está relacionado com o momento que finda nossa trajetória e daqueles que conhecemos” e se associa à questão da memória a partir das noções de morte e comunidade (Castro, 2020, p. 145).

Compreendendo a complexidade do patrimônio cultural funerário, esta edição da *Revista M.* buscou motivar a participação de autores das diversas áreas de conhecimento, cujos interesses fossem convergentes para as questões ligadas ao patrimônio na sua articulação com a temática da morte, considerando teoria e prática nas Ciências Humanas e Sociais, conectando questões de memória, identidade e cultura. No campo do patrimônio cemiterial, as contribuições recebidas para este número da *Revista M.* versam, majoritariamente, sobre a apresentação, gestão e preservação dos espaços de enterramento, levando em consideração as questões dos órgãos patrimoniais e das apropriações culturais feitas pelas comunidades. A seguir, apresentamos os artigos selecionados por meio da chamada da revista para este Dossiê 17 e detalhamos os temas desenvolvidos por seus autores.

O Dossiê inicia com o texto *Um olhar epigráfico sobre três lápides sepulcrais em cemitérios portugueses*, de **José d’Encarnação**, investigador do Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Patrimônio da Universidade de Coimbra, Portugal. O professor Encarnação é uma referência internacional quando se estuda Epigrafia, em especial, a romana. Em 2024, serão comemorados os 40 anos da publicação de sua obra emblemática para a epigrafia romana, *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis - Subsídios para o Estudo da Romanização*. Para o Dossiê, o renomado arqueólogo e historiador se propôs a estudar três lápides sepulcrais de cemitérios contemporâneos de Portugal, brindando-nos com um texto que evidencia o potencial interpretativo da Epigrafia para os estudos cemiteriais.

Dando continuidade a este número especial, **Cidália de Jesus Ferreira dos Santos Neta**, **Marilda Aparecida de Menezes** e **Fabiana Comerlato** apresentam o artigo denominado *Embrechado no Cemitério Nosso Senhor dos Aflitos, Nazaré, Bahia: o porquê de preservar*. O embrechado, arte decorativa formada por tesselas, é ainda pouco conhecido no Brasil. Ao longo do texto, é apresentado o embrechado no Cemitério Nosso Senhor dos Aflitos, na cidade de Nazaré, situada no Recôncavo Sul do Estado da Bahia. As autoras destacam a sua significância cultural pela originalidade, agenciamento, materiais, técnicas, propósitos de



construção, efeitos estilísticos, texturas, integridade, autenticidade e pela representação de distinções sociais. Como fica demonstrado no estudo de caso, a preservação dos embrechados é uma necessidade latente e imperativa.

Em seguida, o artigo de **Bruno Gazalle Cavichioli**, intitulado *Monumentos funerários como lugares de disputa nas políticas de memória da Espanha (2007-2023)*, trata das políticas de memória empreendidas pelo governo espanhol, quando das exumações dos restos mortais de Francisco Franco e José Primo de Rivera, ocorridas em 2019 e 2023, respectivamente. O argumento sustentado pelo autor vem da consideração de que os monumentos funerários, enquanto lugares de memória, estão sujeitos à intervenção das políticas de memória dos Estados nacionais.

As autoras **Mariana Antão** e **Maria Elizia Borges** trazem a perspectiva da História da Arte, em *Dois Cisnes e uma Cruz: Memória e arte nas lápides da Capela do Cemitério do Santíssimo Sacramento em Oeiras-PI (1860-1940)*, ao direcionarem o foco da análise para os elementos iconográficos de uma capela cemiterial, evidenciando o seu alcance aos historiadores. As ideias de memória e afeto se entrelaçam no estudo de uma das lápides registradas e investigadas pelas pesquisadoras, tomando como referência um casal que foi separado pela morte e que teve a união em vida materializada na expressão da saudade eternizada em figuras simbólicas do túmulo.

Reunindo olhares de lugares diversos, **Daiane Londero**, **Diego Uliano Rocha** e **Roberta Coelho Barros** apresentam o *Projeto Memória e Vida: reflexões sobre a transformação do Cemitério da Consolação em bem cultural* em São Paulo. Os autores pensam a arte e a cultura no espaço cemiterial estudado, por meio de uma pesquisa documental sobre o projeto que teve por objetivo transformar o Cemitério da Consolação em bem cultural. A apreciação da arte e a fruição cultural no espaço cemiterial dão as bases para empreender um diálogo sobre preservação e a relação da arte com a comunidade.

A seguir, **Kátia Andréa Carvalhaes Pêgo** e **Francislaine da Costa Rosendo** reúnem diferentes questões no artigo intitulado *O design, o cemitério e a educação patrimonial: um estudo para a construção de um caderno de atividades pedagógicas*. Tomando como objeto o Cemitério do Bonfim, localizado em Belo Horizonte (MG), o texto trata da contribuição do *Design* na confecção de materiais voltados para a educação patrimonial enquanto prática educativa. Ao final do estudo, foi idealizado um Caderno de Atividades Pedagógicas para a Educação Patrimonial voltado para estudantes de Ensino Médio, cuja elaboração contou com a participação de graduandos da Escola de *Design* da Universidade do Estado de Minas Gerais. Ação que foi fundamental para ressignificar o espaço cemiterial e estimular a sensibilização e a preservação do Cemitério do Bonfim.

Para encerrar este número 17, **Sérgio Ricardo Oliveira Martins** e **Waleska Rodrigues de Matos Oliveira Martins** assinam o artigo *Meandros do descaso em cemitérios de Cachoeira e Santo Amaro, Bahia*. Duas necrópoles foram objeto de pesquisa voltada para compreender as práticas sociais e o estado de conservação do patrimônio cemiterial da região estudada. A partir da observação empírica do espaço e do seu estudo, é apresentada aos leitores a



complexidade dos fatores que implicam no descaso, considerando a vulnerabilidade social, a economia e a religião.

Os sete textos reunidos neste Dossiê Patrimônio e Morte exemplificam a diversidade dos pontos de vista e de abordagem teórico-metodológicas de como o campo do patrimônio cultural funerário vem amadurecendo e dialogando de forma mais ampla com a sociedade. Parafraseando Elisiana Trilha Castro, o patrimônio cultural funerário é “fascinante”, por ser “vivaz, múltiplo e desafiador como a vida” (Castro, 2020, p. 147). Para sentir esta vibração é preciso liberar nossa criatividade e nos tornarmos mais abertos a olhar as representações do mundo de vivos e mortos de um modo novo. Conceitos como memória, preservação e bem cultural são imprescindíveis para o debate no campo do patrimônio, compondo um espaço dialético para a reflexão sobre a seguinte questão: “Afinal, o que é o patrimônio funerário e qual sua importância para as comunidades na atualidade?” Esperamos que, por meio da leitura deste Dossiê, seja possível aprofundar os aspectos mais latentes acerca das relações intrínsecas entre Patrimônio e Morte.

### Referências Bibliográficas

Borges, M. E. (2002). *Arte Funerária no Brasil (1890-1930): ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto*. São Paulo: C/Arte.

Castro, E. T. (2017). *O patrimônio cultural funerário catarinense*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura.

Castro, E. T. (2020). Patrimônio Cultural Funerário. In A. Carvalho & C. Meneguello. (Org.). *Dicionário Temático de Patrimônio: debates contemporâneos*. Campinas: Editora Unicamp.

Ceci, P. (2016). *Patrimonio del más allá: Una introducción al conocimiento del patrimonio funerario*. Creative Independent Publishing Platform: Edição do Kindle.

Lima, T. A. (1994). De morcegos e caveiras a cruzeiros e livros: a representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX (estudo de identidade e mobilidade sociais). *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, 2(1), 87-150. <https://doi.org/10.1590/S0101-47141994000100010>

Tarrés, S. C. (2018, dezembro). Funerary cultural heritage: analysis introduction notes. *Catalonian Journal of Ethnology*. nº 43 (2018), p. 66-77. <https://raco.cat/index.php/RevistaEtnologia/article/view/358692/456097>

